

sim a Lemgruber

Lúcia Toribio

Pela terceira vez este ano, o Brasil vai pedir a seus credores internacionais que prorroguem as linhas de crédito de curto prazo (US\$ 16 bilhões), que vencem no próximo dia 31. O presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, embarcou ontem para Nova Iorque, onde vai se reunir com o Comitê de Bancos Credores e, mais do que a prorrogação — praticamente acertada — vai decidir o prazo que o Brasil vai poder dispor desses recursos sem fechar o acordo com o FMI.

Este é mais um emocionante capítulo da novela da dívida externa brasileira. Negociações, relatórios, propostas, contrapropostas e números. A cada esgotamento de prazo uma tensão. O que significa a manutenção deste crédito, que Lemgruber vai negociar nos EUA? Simplesmente o "capital de giro" do Brasil. Este dinheiro, rateado entre os bancos brasileiros que mantém agências no exterior, financia exportações e faz mais dinheiro, através de aplicações no mercado financeiro internacional. Sem ele, hoje, as nossas agências bancárias no "além mar" fecham. E de onde vamos buscar a "moeda forte"?

Enfim, o colapso. Mas vem justamente da gravidade da situação a certeza do sucesso do nosso negociador oficial. Uma "pane" dessas não interessa a ninguém. Para nós a vantagem é que não precisaríamos mais discutir a "conveniência da moratória". A resistência, segundo Lemgruber, só está no prazo: os 90 dias tradicionais — foi assim em fevereiro e maio — ou 180, como quer o Brasil, prevendo as dificuldades de um acordo com o FMI ainda este ano? Um prazo mais largo daria um tempo para respirarmos e buscarmos com mais tranquilidade um entendimento com o Fun-

do. E os bancos, aceitam? Talvez, se outra missão brasileira, também nos EUA, obtiver sucesso. O ministro Francisco Dornelles e o assessor da presidência, Luiz Paulo Rosenberg, estarão com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, no próximo dia 28, em Washington, para pedir um ayal. Basta um recadinho, para a tranquilidade dos banqueiros, dizendo que as negociações FMI/Brasil prosseguem.

E aí, mais um capítulo. Como nossos homens vão convencer Larosière? Com os números da economia brasileira. (Se é que eles — os números — convencem alguém). Que números voam para Washington? Esse é o elemento surpresa, fórmula do sucesso de qualquer criação literária. Mais surpreendentes eles ficam quando se pretende, que se aproximem das pretensões do FMI.

O que temos: — Déficit de Caixa — Cr\$ 36,9 trilhões.. Expansão da Base Monetária (emissão de dinheiro) — Cr\$ 8,8 trilhões (58,6%). Dívida Pública (colocação de títulos) — Cr\$ 28,1 trilhões.

Esses eram os números até 31 de julho. Consideradas as previsões do secretário-geral do Ministério da Fazenda, Sebastião Vital, o déficit chega, no final deste mês, a Cr\$ 47 trilhões.

O que o FMI quer: Superávit operacional — Cr\$ 3 bilhões (1,5% do PIB). Expansão da base monetária — Cr\$ 22,5 trilhões (150%). Dívida Pública (colocação de Títulos) — Cr\$ 10 trilhões. Essas metas o FMI quer que sejam atingidas em dezembro.

Outros números (os que o Brasil estabeleceu, em junho, como meta para o ano). Déficit de Caixa — Cr\$ 54 trilhões. Colocação de títulos — Cr\$ 14 trilhões. Base Monetária (emissão de moeda) — Cr\$ 14 trilhões.